

Maricel Mena López*

Apresentação

Este número temático da RIBLA, em certa medida, está inspirado não somente nos processos de paz na Colômbia, mas também na esperança de que acabem finalmente as guerras e hostilidades no mundo inteiro. Tudo isso acontece em meio a um panorama mundial de um modelo econômico-político neoliberal, onde as fronteiras se estreitam cada vez mais e os muros que dividem, produto das hostilidades e intolerâncias, parecem adquirir mais força do que nunca antes.

Uma constante desse modelo em nossas cidades é a prática de colocar no centro da “recuperação da *polis*” o empresariado, as transnacionais e seus macros projetos mineiros e energéticos. Em contrapartida vem decrescendo o investimento em projetos sociais, de meio ambiente e de políticas públicas, ao mesmo tempo em que vão sendo exterminados os líderes sociais que lutam contra a discriminação e a desigualdade social. Um modelo de cidade privatizador se impõe como o melhor qualificado para garantir segurança, mobilidade e produtividade.

A crise do petróleo, os efeitos da mudança climática, a cultura da corrupção, o narcotráfico, a ideologia da militarização são assuntos urgentes a serem tratados, assim que se alcance o acordo de paz na Colômbia. Os movimentos sociais vêm exigindo este debate, que não pode mais esperar.

Um setor eclesial se posicionou junto à chamada mesa ecumênica pela paz, para apoiar e refletir sobre o processo de paz. No entanto, o setor maior segue apoiando a opção política da extrema direita, preocupado com que os valores da família não sejam afetados, quando se trata defender a diversidade de gênero, os grupos étnicos, as culturas etc. São os fundamentalismos tomando forma.

Percebe-se no ar uma crescente cultura patriarcal conservadora e tolerante com a violência, a guerra, a militarização, a injustiça so-

* Doutora em Ciências da Religião, com acento em exegese bíblica, Primeiro Testamento.
E-mail: mmena@javeriana.edu.co

cial, a iniquidade de gênero, a cultura do consumo, o descartável etc. Quais são as consequências? A paulatina despolitização da sociedade, o crescimento do individualismo o desprezo pela imparcialidade e a justiça social.

Em nossos dias não deveria mais ser necessário ter que justificar os direitos relacionados aos aspectos tão essenciais da vida humana, como são a justiça, a paz, o perdão e a reconciliação. Porém, a realidade de violência e intolerância na maioria das culturas continua sendo uma constante. Continua sendo fonte de poder, de discriminação, de controle, de doença e de morte.

Ainda que a mudança do contexto de guerra para uma cultura de paz se encontre na agenda dos governos, ela ainda não é uma realidade. E mais, continua sendo um tema espinhoso entranhado nas relações sociais. Sem dúvida, os anelos de paz de cada cidadão e cidadã devem-se transformar na busca de estratégias em conjunto. Mas, para que sejam efetivas é preciso que elas brotem do coração de cada indivíduo.

Como pessoas de fé, consideramos que a Bíblia pode nos ajudar na busca por pistas para superar o conflito social, dado que o povo de Israel sempre viveu o seu êxodo da escravidão e sua volta para ela, a guerra e a paz, em diferentes períodos de sua história. Assim, no intuito de responder à pergunta sobre a relação Bíblia e contexto social, Daniel Moya nos oferece uma análise sócio-política global das raízes e dinâmicas das guerras nos dias atuais, para nos apresentar alguns princípios ético-políticos para a construção da paz. No segundo artigo, Loida Sardinias Iglesias nos imerge no contexto especificamente colombiano, perguntando sobre o papel das igrejas frente ao pós-conflito e apresentando algumas chaves de hermenêutica bíblica a partir das narrativas bíblicas do Primeiro e Segundo Testamento.

O terceiro artigo, de Abiud Fonseca, faz-nos entender a dinâmica da guerra propiciada pelo Senhor dos Exércitos *Yahvé Sebaot*, no Primeiro Testamento. Esse foi o nome adotado para reafirmar o projeto teocrático da elite religiosa dominante de Judá. É, portanto, o símbolo por excelência para demonstrar o poder absoluto de Yahvé sobre os outros povos, aos quais vence com a guerra santa. De maneira contrária, Edésio Sánchez nos apresenta o Reino de Deus como definição de *Shalom* bíblico. Portanto, já não se trata de um Deus justiceiro, mas de um Deus que proporciona o equilíbrio e a justiça para toda a criação.

Gloria Gamboa, por sua vez, apresenta algumas reflexões em torno do saque, despojo, botim e sua partilha, como exemplo do horror e

terror da guerra, onde são sacrificados mulheres, crianças, homens e animais. Evidencia, assim, o absurdo de uma guerra legitimada pela religião. Nessa mesma direção, Marcos Bailão, a partir do Dêutero-Isaías, traz o tema do poder e da opressão contra os pobres, mas também suas lutas de resistências.

A seção seguinte prioriza textos do Segundo Testamento. Abre esta seção o artigo de Carmiña Navia, que aborda as bem-aventuranças como uma aposta ao bem estar, à felicidade e à prosperidade, isso fundamentado na paz como um *SEMA* amplo que aponta para a totalidade da vida, a felicidade, o júbilo e a plenitude. Elsa Tamez faz uma releitura do medo e do silêncio em tempos de guerra, a partir do evangelho de Marcos. O texto possibilita ver os rostos de uma comunidade que se encontra com medo, paralisada e aterrorizada frente à traição, mas que encontra na proposta de Jesus um horizonte utópico de nova humanidade. Graciela Divo nos oferece um texto no qual se articulam histórias de vida de ontem e de hoje na busca por uma espiritualidade holística em chave de mulher. Partindo de uma análise em perspectiva feminista de Mc 5,24-37, a autora apresenta um itinerário que aponta para a paz.

Continuando com o tema da espiritualidade, César Moya concentra seu estudo na perícopes de Lc 22,24-53, no intuito de que se reafirme a fé e a esperança, tanto das vítimas do conflito armada quanto das comunidades eclesiais que as acolhem. Maricel Mena aborda duas palavras-chaves em Efésios 2,11-22, hospitalidade e cidadania, para propor uma convivência cidadã que vá além da religião, da etnia e dos fundamentalismos religiosos. Finalmente, Mery Rodríguez aborda, a partir de Ap 21,1-4, o tema de metáforas de não-violência, como esperança e alternativa aos poderes hegemônicos, e como modelo de nova criação. Que o *Shalom* de Deus, sua lógica e sua bênção de paz supere a violência, a guerra e a morte e nos impulsione a sermos seres humanos melhores. A sermos gestores de comunidades abertas, solidárias e acolhedoras, reconciliados com Deus e com a criação. O *kairós* de paz esteja conosco!

Traduzido por José Ademar Kaefer